EDITORA
UnB

EDUCAÇÃO INFANTIL EM DIÁLOGO

Pesquisas e olhares a partir dos estudos sociais da infância

Etienne Baldez
Monique Aparecida Voltarelli
(org.)

Pesquisa, Inovação & Ousadia

Universidade de Brasília

Reitora Rozana Reigota Naves
Vice-Reitor Márcio Muniz de Farias

EDITORA
UnB

Conselho editorial
Germana Henriques Pereira (Presidente)
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Fernando César Lima Leite
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

EDITORA
UnB

Educação infantil em diálogo

Pesquisas e olhares a partir dos estudos sociais da infância

Etienne Baldez
Monique Aparecida Voltarelli
(org.)

Pesquisa, Inovação & Ousadia

Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral	Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultora de produção editorial	Percio Savio Romualdo Da Silva
Coordenação de revisão	Denise Pimenta de Oliveira
Coordenação de design	Cláudia Barbosa Dias
Revisão	Caio Martins Lopes
Diagramação	Beatriz Parente Barreto de Abreu
Foto de capa	Tatiana Syrikova via Pexels.com

© 2023 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

E24 Educação infantil em diálogo [recurso eletrônico] : pesquisas e olhares a partir dos estudos sociais da infância / Etienne Baldez, Monique Aparecida Voltarelli, organizadoras. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2025.
227 p. – (Série Pesquisa, Inovação & Ousadia).

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-248-4.

1. Educação infantil - Aspectos sociais. 2. Práticas de ensino. I. Barbosa, Etienne Baldez Louzada (org.). II. Voltarelli, Monique Aparecida (org.). III. Título. IV. Série.

CDU 373

Fernanda Cordeiro de Carvalho – Bibliotecária – CRB 1/2339

Pensar as crianças no tempo presente tem sido um desafio, e requer cada vez mais perguntar "quais lugares que as crianças têm ocupado na sociedade, em especial dentro das instituições de educação infantil?", no intuito de pôr em pauta a forma como travamos relações e como construímos práticas educativas com as crianças. Desse modo, dedicamos esta obra a todos profissionais, estudiosos/as, pesquisadores/as da infância, que, assim como nós, têm se preocupado em construir percepções amplas sobre a infância, trocando lentes e olhares anteriores por indagações, incômodos e buscas constantes de aperfeiçoamento nas formas como educamos as nossas crianças.

Dedicamos, em especial, às crianças, que nos ensinam diariamente a nos reinventar, a resistir, a sermos singulares e resgatar nossas potências, nossa ludicidade e nossa esperança por dias melhores, sempre. A todas as crianças que nos inspiram a caminhar e a seguir investindo esforços investigativos para compreendê-las, conhecê-las e aprender com elas formas outras de ver o mundo. Tudo que aqui foi analisado, estudado e refletido não faria sentido se não fosse por elas.

Agradecimentos

A organização e escrita de um livro é resultado de relações que estabelecemos com diversos cenários sociais em que estamos inseridas, com os nossos pares, com o meio acadêmico e com tantas pessoas, espaços, leituras e experiências que configuram nossas trajetórias e vão tecendo construções que carregam nossas compreensões e lutas. Nesse sentido, agradecemos imensamente e carinhosamente a cada autor e autora desta obra, que não mediram esforços para que pudéssemos compor esses diálogos sobre a infância, e que resultam, ainda, de relações que nós organizadoras tivemos a oportunidade de construir nos nossos últimos anos de atuação profissional e por meio das nossas trajetórias de pesquisa.

Propor e concretizar a publicação de um livro é por nós visto e compreendido como um momento de celebração, em forma de abertura e também ponto de partida para revistarmos saberes, para a construção de outros e para seguir investigando. Assim como as crianças, desde o nascimento, nos inspiram para a possibilidade do novo, que possamos por meio desta obra transitar entre as palavras, tropeçar nas construções propostas, brincar com as ideias, desconstruir e construir percepções e, principalmente, compartilhar engajamentos que vislumbrem a efetivação dos direitos das crianças a viverem suas infâncias plurais.

Agradecemos também a todos que nos acompanharam nesse processo, que acreditaram nos possíveis e que inventam conosco outras formas de compreender as práticas educativas com as crianças.

Aos leitores, somos gratas pela confiança no nosso trabalho e os convidamos ao mergulho no conhecimento sobre os estudos da infância a serem explorados nas próximas páginas.

“Que nenhuma opinião seja uma convicção absoluta, imutável.
Que o dia de hoje seja sempre feito da soma das experiências de ontem,
enriquecidas das experiências de amanhã… Somente com essa condição
nosso trabalho nunca será monótono nem sem esperança.”
Janusz Korczak

Sumário

Prefácio 15

Apresentação 17

A educação infantil em pauta: perspectivas e diálogos

Interseccionalidade na área da educação infantil: conceito e ferramenta analítica para o desvelamento sobre infância(s) e as crianças 29
Ana Caroline Irineu
Catarina Moro

A organização do currículo da educação infantil em campos de experiência: o protagonismo das crianças em evidência 39
Rafaelli Norberto Grégio
Giane Lucelia Grotti

Quando o santo de casa não faz milagres: como melhorar a implementação de políticas educacionais a partir do envolvimento dos atores? 47
Cristiano Rogério Alcântara
Gabriela Spanghero Lotta

Saberes da infância e a formação dos profissionais da educação 57
Marcia Cristina Argenti

A especificidade da educação infantil referenciada pela coordenação pedagógica (Brasília, 2020-2022) 67
Débora de Souza Santos
Etienne Baldez

A dimensão moral da avaliação: estereótipos de gênero no contexto da educação infantil **79**
Viviane Fernandes Faria Pinto

Educação infantil e famílias no cenário da revisão de literatura 89
Nazareth Salutto
Maria Alice Barbosa dos Santos

O que dizem os materiais pedagógicos sobre avaliação? 99
Gabriela Scramingnon
Maria Fernanda Rezende Nunes
Marina Castro e Souza

Entre os desafios da proposição, o relato das práticas docentes com projetos na educação infantil (Brasília, 2022-2023) 113
Ligia Almeida Teixeira
Etienne Baldez

Estudos sociais da infância: olhares para a pesquisa para, com e sobre as crianças

Pressupostos teóricos da sociologia da infância nas pesquisas brasileiras 125
Lucas Ramos Martins
Ademilson de Sousa Soares

“De olho na fresta”: encontros da educação infantil com os estudos da infância **135**
Aline Buy dos Santos
Lisandra Ogg Gomes

Gênero e infância: em quais práticas sociais os meninos estão se engajando? **145**
Danielle Atta
Monique Aparecida Voltarelli

Interseccionalidades entre infância, gênero e raça na sociologia da infância brasileira **157**
Andrea Braga Moruzzi
Mayra Silva dos Santos
Vanessa Medianeira da Silva Flôres

Geografia e educação infantil: as crianças e suas relações espaço-temporais **169**
Ana Paula Batista Pina dos Santos
Maria Lídia Bueno Fernandes

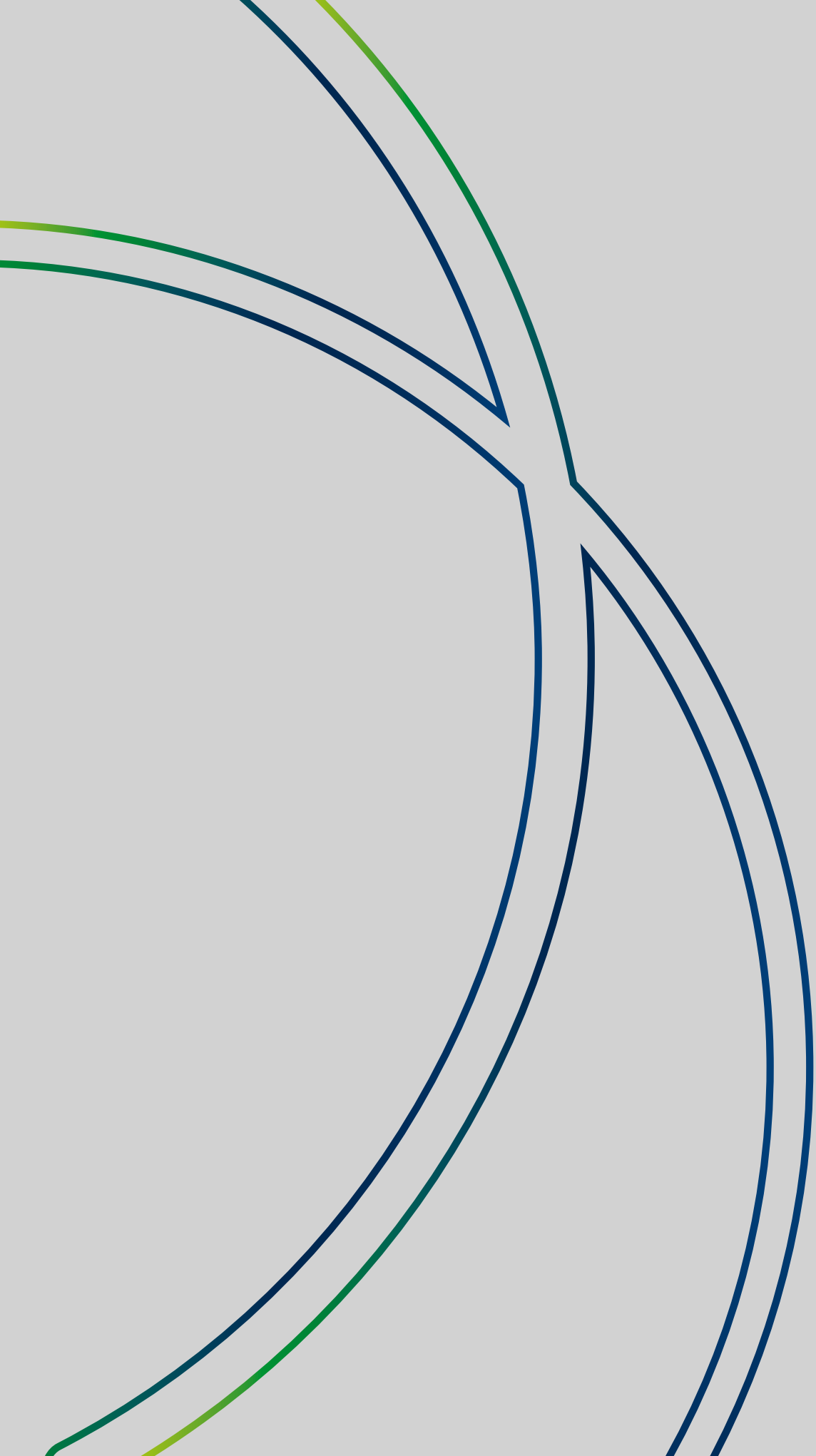
A infância brasileira em um cenário pandêmico **179**
Lara Batomarco Nobre
Laura Brisolara de Albuquerque
Monique Aparecida Voltarelli

Metodologias de pesquisa com crianças: uma experiência na cidade de Brasília **191**
Rhaisa Naiade Pael Farias
Ingrid Dittrich Wiggers

Estudos sociais da infância e migrações internacionais: análise das produções acadêmicas brasileiras do período de 2013-2023 **201**
Flávio Santiago
Taís Aparecida de Moura

Reflexões finais 213

Sobre os autores 217



Estudos sociais da infância: olhares para a pesquisa para, com e sobre as crianças

A infância brasileira em um cenário pandêmico

Lara Batomarco Nobre
Laura Brisolara de Albuquerque
Monique Aparecida Voltarelli

Introdução

As batalhas enfrentadas pelas crianças ao longo dos séculos perpassam incontáveis evoluções. A busca pela valorização de seus direitos vem se tornando cada vez mais evidente em nossa sociedade. Reconhece-se a infância brasileira a partir de múltiplas esferas e realidades, fortificadas em meio à pluralidade cultural e à diversidade existente em nosso país, pois são consideradas sujeitos ativos, concretos, participantes, culturais, históricos, políticos e sociais em nossa sociedade (Biasioli; Sousa, 2021). No início de 2020, uma crise sanitária estabelecida mundialmente acarretou danos irreparáveis à população mundial, que por sua vez, resistiu em meio à modificação das dinâmicas familiares, alteração das rotinas e crises econômicas. A crise sanitária, política e econômica instaurada globalmente pelo vírus da covid-19 (Sars-Cov-2), proporcionou imensuráveis efeitos e modificações sociais, principalmente para a população infantil, que sofreu com impactos na saúde, de modo geral, e no desenvolvimento infantil, em seus aspectos físico, social, emocional e psicológico (Freitas; Medonça; Bertolin, 2022).

O rompimento das relações interpessoais dos seres humanos e da frequência de circulação nos espaços coletivos deu-se a partir da situação emergencial de saúde pública, que, por sua vez, teve como medida protetiva o isolamento total dos indivíduos, a fim de conter a propagação do novo coronavírus. Fez-se necessário a implementação de uma medida de contenção social no Brasil, assim como em outros países, denominada “quarentena”, bem como medidas de proteção sanitária, que consistiram no uso de máscaras e de álcool em gel, recomendadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

Destarte, as circunstâncias enfrentadas em meio à crise sanitária contribuíram para a acentuação das esferas de desigualdade social, como o fechamento das escolas, trabalho remoto, mudança nas dinâmicas e relações familiares, instabilidade econômica e, principalmente, a transição para o ensino remoto. Visto a impossibilidade universal das camadas brasileiras de adquirir os recursos necessários para a aprendizagem mediada por esse

mecanismo, observou-se uma acentuada disparidade entre as classes e intensificação da exclusão, marginalização, trabalho infantil e o rompimento de um direito social básico assegurado pela Constituição Federal de 1988, que concerne no acesso à educação para todos os cidadãos (Brasil, 1988; Biasioli; Sousa, 2021). A suspensão das aulas presenciais transferiu as experiências e as relações escolares para dentro dos lares, rompendo com as relações interpessoais de colegas, professores e familiares. Desse modo, essa prática rompeu com as especificidades presentes nas particularidades e singularidades das infâncias, uma vez que as infâncias brasileiras não foram vivenciadas da mesma forma durante esse período.

Embora reconheça-se a imprescindibilidade da quarentena como medida sanitária protetiva, essa medida afetou de forma singular a população infantil, impactando na experiência da infância inteira e plena, interferindo nas potencialidades das crianças, visto que tiveram seus direitos negados em meio ao impedimento de circulação nos espaços públicos e convívio entre pares durante esse período (Almeida; Júnior, 2021). Esse fator exponencial desperta o âmago da questão a qual as crianças têm sido submetidas diariamente, em meio às inúmeras formas de opressão e à lógica adultocêntrica. Ademais, as crianças foram fortemente afetadas em suas dimensões afetivas, emocionais e psicológicas durante o isolamento social, além de serem invisibilizadas no que concerne a criação de políticas públicas específicas capazes de assegurá-las em suas necessidades sociais básicas, relativas ao acesso à renda e aos serviços sociais, pois muitas delas sequer possuíam um lar (Castro, 2020).

Tendo em vista que as crianças enfrentaram desafios dentro e fora das instituições educativas, este estudo direcionou os olhares para a investigação da infância pandêmica através do levantamento de publicações científicas referentes aos anos de 2020 a 2022, a fim de localizar os contextos em que as crianças se localizavam na pandemia, as situações que estavam vivenciando, as formas como foram representadas pelos pesquisadores nas publicações acadêmicas, de modo a identificar quais crianças foram observadas nesse período e como elas enfrentaram a quarentena.

Partimos de questões como: quais os desafios enfrentados pela infância dentro e fora das instituições educativas durante a quarentena em meio às readaptações para prevenção da covid-19? Quais foram as alterações realizadas no cotidiano da população infantil? Qual a necessidade de estudar as situações vivenciadas pelas crianças? E, por fim, de que modo trazer visibilidade para esses seres que se encontram à margem da sociedade? Além disso, este estudo foi pautado nas contribuições do campo da sociologia da infância, que possibilita a ampliação das concepções para o estudo da infância em sua integridade, reconhecendo, as crianças enquanto capazes de refletir acerca de situações que as impactam em sua realidade e de se expressarem de inúmeras formas. Portanto, este trabalho buscou explorar, a partir do mapeamento e levantamento de dados, como as crianças enfrentaram o período do isolamento social tanto em contextos escolares como não escolares, a fim de ampliar e direcionar os olhares para as múltiplas vivências e realidades enfrentadas pelas crianças durante esse período, para também romper com paradigmas que comprometem as concepções das infâncias brasileiras em meio à generalização.

Os artigos analisados constituíram importantes fontes para analisar as infâncias brasileiras durante o período da pandemia. Na primeira parte, trazemos considerações acerca das alterações nas relações sociais e vivências cotidianas enfrentadas pelas crianças nos contextos escolares, assim como a modificação do processo de ensino e aprendizagem, uma vez que as formas de interação se tornaram essencialmente digitais através dos recursos tecnológicos, fazendo-se necessário a reinvenção da educação mediada pelo ensino remoto, bem como a diversificação das formas de aprendizagem. Posteriormente, na segunda parte, abordamos as circunstâncias e conjunturas das crianças que estavam localizadas fora da escola, tendo em vista que a situação de vulnerabilidade em que estavam submetidas foi intensificada, considerando a carência e a exclusão de políticas públicas ativas que respaldam os direitos das crianças, a proteção integral à infância e aos seus territórios. Por fim, buscamos refletir acerca das condições enfrentadas pelas crianças em território brasileiro, considerando a necessidade e a importância de proporcionar maior visibilidade para as condições vivenciadas pelas crianças durante esse período.

Procedimentos metodológicos

A pesquisa, de natureza qualitativa, foi realizada de forma exploratória para efetuar um mapeamento das produções acadêmicas publicadas durante o período pandêmico, de modo a localizar indicativos, recomendações e problematizações acerca das conjunturas vivenciadas pelas infâncias brasileiras localizadas em contextos escolares e não escolares. Esta pesquisa define-se a partir de um projeto mais amplo denominado "Infância e pandemia" por meio de dois estudos,[1] realizados à título do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) desenvolvido na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB), tendo como recorte temporal os anos de 2020 a 2022, buscando mapear artigos referentes ao cenário pandêmico enfrentado em meio ao novo coronavírus.

Foram localizadas 173 publicações, selecionadas a partir de estudo exploratório em plataformas e base de dados online no país. Dos artigos encontrados, 90 se referem à infância no período pandêmico com relação à educação escolar, e 83 dedicaram os estudos sobre a infância nesse período para além da escola. O levantamento de dados foi realizado nas seguintes plataformas: o portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que é a plataforma que promove o fortalecimento dos programas de pesquisa brasileiros ao democratizar o acesso online a informações científicas avançadas; a plataforma Scielo, portal de revistas brasileiras que organiza e publica na internet o texto integral dos periódicos, e produz e divulga indicadores de uso e impacto desses textos; a plataforma Google Acadêmico, um poderoso motor de busca para pesquisar materiais acadêmicos informativos e úteis; e a plataforma da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), que visa aprimorar e promover o

[1] Pesquisas aprovadas pelo Pibic/UnB: "Impactos da Pandemia covid-19 na Educação Infantil" (na responsabilidade de autora) e "Infância brasileira em meio a pandemia da covid-19" (na responsabilidade de autora).

desenvolvimento do ensino e da pesquisa de pós-graduação em educação, buscando consolidar e aprimorar a educação, ao mesmo tempo em que incentiva novas experiências na área.

Tendo como critério de inclusão os estudos publicados em 2020 e 2022, escritos em português, inglês e espanhol, que tivessem relação com o tema e que fizessem alusão aos contextos vivenciados pelas infâncias brasileiras, inicialmente foram utilizados para a pesquisa descritores como: educação infantil e pandemia, infância e pandemia, educação e pandemia, crianças e pandemia, creche e pandemia, pré-escola e pandemia, infância e pandemia, bebês e pandemia (os descritores se repetiam mudando o termo "pandemia" por "covid-19").

Foram selecionados para a primeira pesquisa 14 artigos no portal de periódicos Capes, 93 artigos na plataforma do Google Acadêmico, 34 na plataforma Scielo e quatro trabalhos na base de dados da Anped. Para o segundo momento, os descritores indexados nas plataformas de busca foram infância e pandemia, criança e pandemia, infância e covid-19 e criança e covid-19, sendo necessário aplicar um único termo por busca na plataforma da Scielo. Dessa forma, foram incorporados à amostra dois trabalhos na base de dados da Anped, 60 artigos no portal de periódicos da Capes, 11 artigos da plataforma Scielo e 65 artigos do Google Acadêmico, sendo considerados para composição do *corpus* da pesquisa apenas artigos científicos.

Posterior à realização do levantamento de dados, os trabalhos localizados foram organizados em uma planilha no programa Microsoft Excel e armazenados em uma pasta no Google Drive. A organização das pesquisas na planilha foi feita com base em características como título, autor/a, ano de publicação, link, plataforma consultada e dados bibliográficos das referências encontradas. Após a conclusão dessa etapa, separamos os textos selecionados em quatro categorias: Educação Infantil e Pandemia, com 50 textos; Educação Infantil e Docência, com 18 textos; Educação Infantil e Políticas Públicas, com 12 textos; e Educação Infantil e Tecnologia, com 11 textos. Depois dessa divisão, foi feita a leitura e análise dos textos de cada categoria, com a finalidade de localizar indicativos, recomendações e problematizações acerca da oferta da educação infantil durante a pandemia de covid-19. O segundo segmento do trabalho resultou em cinco categorias distintas, intituladas: Infância Indígena e Pandemia, com cinco textos; Crianças e a Violência Durante o Isolamento Social na Pandemia, com 17 textos; Perspectivas Sobre os Impactos da covid-19 para as Crianças, com 26 textos; Desigualdade Social e Infância em Tempos de Pandemia, com 12 textos; e Vulnerabilidade das Crianças na Pandemia, com 23 textos. Assim como feito anteriormente, esses textos foram analisados a fim de identificar temáticas, problemáticas e perspectivas relacionadas aos contextos vulneráveis e invisibilizados enfrentados pelas crianças localizadas fora das instituições educativas.

Os contextos escolares em meio ao isolamento social

Para essa discussão, selecionamos a categoria Educação Infantil e Docência, com o intuito de discorrer sobre quais foram as compreensões e elementos investigados acerca da educação infantil brasileira e profissão docente diante do momento que foi vivido, e para trazer perspectivas para o desafio da oferta na modalidade remota.

De acordo com os textos analisados (Macedo *et al.*, 2020; Oliveira *et al*., 2020; Soares *et al*., 2020.), percebe-se discussões afirmando como a pandemia da covid-19 mudou toda a forma, estrutura e organização da educação, não só brasileira, mas também em âmbitos internacionais, uma vez que os espaços físicos das instituições de ensino e instituições educativas foram fechados por tempo, inicialmente, indeterminado, trazendo então uma realidade muito nova para as famílias, alunos, crianças, e principalmente professores que tiveram que se reinventar diante de toda essa situação.

Com os novos desafios, os professores tiveram a tarefa de pensar na continuidade do trabalho educativo, na manutenção de vínculos entre as crianças e, principalmente, entre as crianças e os adultos. No Brasil, como uma alternativa para seguir com o trabalho pedagógico durante esse período, foi utilizado o método do Ensino Remoto Emergencial (ERE), que não se vincula ao método do Ensino a Distância (EAD).[2]

Sabe-se que é fundamental para uma criança vivenciar a prática dos ambientes das instituições educacionais para garantia de seus direitos de acesso à educação, assim como para seu desenvolvimento e socialização. Entretanto, com a pandemia da covid-19, as instituições de ensino tiveram que se submeter ao método adotado pelo Brasil de ensino remoto e se reinventar. Os estudos (Santos *et al.*, 2020; Cardozo *et al.*, 2020; Antoniassi, 2020) mostraram ainda que, para que houvesse a garantia do acesso à educação, as metodologias tiveram que ser repensadas pelos professores, que também tiveram que garantir que o ensino remoto não fosse resumido somente às atividades ministradas de forma online, mas sim diversificar estas experiências de aprendizagem. Como apontam Rodrigues e Parreira (2020) sobre a importância dessa diversidade no aprendizado das crianças, para que assim elas continuem com a sensação de estabilidade mesmo estando em isolamento social:

> o Ensino Remoto não deve se resumir às aulas online, pois diversificar as experiências de aprendizagem continua sendo relevante e necessário, os princípios fundamentais da *BNCC* devem ser implementados e os objetivos devem ser estimulados e alcançados mesmo que de maneira remota (Rodrigues; Parreira, 2020, p. 57).

Contar com a ajuda dos pais e familiares foi apontado como importante nesse momento de grandes desafios pelas publicações analisadas. As publicações (Camargo *et al.*, 2020; Coutinho; Côco, 2020) demonstraram o quão desafiador foi pensar em propostas com o uso das telas para crianças pequenas sem tê-las como ponto de partida, além de ter que produzir vídeos, que muitas vezes não faziam sentido para elas, apontando para o caráter fragmentado da educação remota. Portanto, ressaltou-se a necessidade de que todos os envolvidos precisavam ser autores, sujeitos

[2] O Ensino a Distância, ou simplesmente EaD, é uma modalidade de ensino que tem uma estrutura política e didática-pedagógica completa, diferentemente do ERE, que preconiza a transmissão em tempo real das aulas. A ideia é que professor e alunos de uma turma tenham interações nos mesmos horários em que as aulas da disciplina ocorreriam no modelo presencial. Para maiores informações, consultar: SAE DIGITAL.

dessa construção, sendo então necessário estabelecer com os pais, crianças e profissionais da educação relações de pertencimento, para que se sentissem parte integrante dessa ação educativa.

Algumas produções indicaram que, mesmo os pais mostrando algumas resistências em relação ao aprendizado dos filhos, muitos se mostraram aptos e dispostos a ajudar os docentes nesse momento e reconhecer seu trabalho, ajudando-os a manter a rotina de estudo das crianças. Esse é um fator que foi considerado importante para a educação infantil e que ajuda as crianças a diminuírem a ansiedade e manter a concentração durante os encontros ministrados pela professora. Como bem lembra Da Silva *et al*. (2020):

> cabe aos educadores acompanhar e instigar tais descobertas, oferecendo aos pequenos, tempo e espaço para compreender e interpretar o mundo ao seu redor (Da Silva *et al.*, 2020).

Desse modo vale pensar em como a instituição educativa é um espaço de comunicação, convivência, amizade, invenção, um espaço repleto de relações significativas vitais para a história das crianças. Normalmente, quando relatam ao responsável algumas situações encontradas na instituição educativa, muitos ficavam surpresos, porque seus filhos se comportavam de maneiras diferentes em casa (Santos; Moraes, 2020). A suspensão das atividades presenciais impediu que as crianças se encontrassem com seus pares, e a aprendizagem nesse contexto institucional tornou o espaço da casa um local de estudo. Portanto, os pais tornam-se em muitos casos mediadores, de uma maneira muito singular, do processo educativo, demandando deles maior atenção do que tida anteriormente no presencial.

O estudo de Santos e Moraes (2020) afirma certos questionamentos e realidades descritas por muitos durante este período, questões essas que apontam para os direitos das crianças de ter uma educação de qualidade, participação social e política:

> ao mesmo tempo que estar em casa é confortável para uns, a maior parte da nossa população não tem os mesmos privilégios. Como pôr em prática aulas a distância através de ferramentas online quando a tecnologia necessária não é acessível a todos? Como exigir das famílias esse papel no acompanhamento das atividades se muitos pais estão trabalhando de *home office* ou desempenhando suas funções na rua para garantir a sobrevivência? Como fazer a criança entender o porquê de toda a rotina alterada e estar longe de quem é querido? Como construir um trabalho educativo que respeite as demandas das crianças? (Santos; Moraes, 2020, p. 182).

Por fim, percebemos que as publicações destacaram a presença dos educadores como essencial na condução das práticas pedagógicas das crianças durante o período pandêmico, pois a intencionalidade e sensibilidade no trabalho voltado para as crianças e familiares evidenciou o compromisso que o docente assumiu ao criar condições favoráveis para a elaboração de uma educação de qualidade e a suas responsabilidades para atender o direito das crianças nesse período.

As crianças localizadas em contextos não escolares durante a quarentena

Para a discussão das análises inferidas nas publicações, selecionou-se a categoria As Crianças em Situação de Vulnerabilidade na Pandemia, a fim de observar e pontuar, sob o olhar dos pesquisadores, os diversos contextos enfrentados pelas crianças em meio à expansão da esfera de vulnerabilidade infantil na conjuntura da crise sanitária do vírus da covid-19. Do mesmo modo, esses contextos relacionam-se com a invisibilidade das crianças quilombolas, periféricas, em situação de rua, marginalizadas, entre outros, que ainda carecem de presença, protagonismo e participação infantil nos contextos sociais que as dizem respeito.

De acordo com os textos analisados, os efeitos acometidos pela covid-19 foram irradiados nos diversos contextos sociais, sobretudo em âmbito nacional, considerada a desigualdade socioeconômica vivenciada pela população brasileira, na qual percebe-se que, mesmo localizadas em um contexto pandêmico, as crianças não adquirem centralidade nas discussões políticas e econômicas, sendo vistas apenas sob o olhar dos adultos, que as inserem em uma margem de investimentos e lucros.

Notou-se ainda, a partir das publicações analisadas (Biasioli; Sousa, 2021; Duarte; Cavalcanti; Sousa, 2021; Almeida; Júnior, 2021; Freitas; Bertolin; Medonça, 2022), que as crianças mais pobres e de zonas rurais subsistiram em meio a inúmeros prejuízos ocasionados pelo fechamento das instituições educativas e pela readaptação do ensino a distância, que não as contemplam inteiramente em suas dimensões, em meio às desigualdades regionais e econômicas, o que se reverte na impossibilidade de acesso aos encontros online, no aumento das dificuldades de aprendizagem, no enfrentamento à situações de calamidade e em impactos no desenvolvimento infantil (Biasioli; Sousa, 2021).

De acordo com estudos de Duarte, Cavalcanti e Sousa (2021), um aspecto alarmante que adquiriu grande proporção nessa pandemia foi a ampliação dos índices de trabalho infantil, em meio à queda da qualidade de vida, ao aumento da pobreza, à precarização das condições sanitárias, ao desemprego, às crises financeiras, à vulnerabilidade e ao fechamento das escolas, que em muitos casos eram as únicas provedoras das refeições diárias das crianças. A repercussão desse problema social, destacado pelas produções, indica que a covid-19 amplificou o contexto social de emergências econômicas e crises enfrentadas pela população brasileira, que, por sua vez, submeteu à primeira infância apenas opções restituídas de informalidade, insalubridade e precariedade (Costa; Cardoso, 2021). Destaca-se que as alternativas encontradas para a garantia de subsídios mínimos para a família ocorreram em meio à exploração de conjunturas vulneráveis enfrentadas pelas crianças nesse período, que, do mesmo modo, afetaram tanto seu aprendizado quanto suas condições sociais, mentais e físicas para um desenvolvimento sadio.

As produções ressaltaram ainda os efeitos negativos causados à saúde mental das crianças pelo rompimento da prática de habilidades sociais com colegas, professores e familiares, que, alinhados à pressão psicológica ocasionada pela covid-19, resultaram em

malefícios para o bem-estar físico e mental. O estudo de Almeida e Júnior (2021) indica alguns desses malefícios, tais como distúrbios alimentares, baseados no consumo de alimentos ultra processados que se encontram mais fáceis para o consumo; maior frequência de exposição às telas e aparelhos eletrônicos; consumo de notícias maçantes sobre a pandemia e no aumento de hábitos sedentários devido à redução de atividades físicas, que também apresentaram forte potencial para o agravo de problemas de saúde e obesidade.

Outrossim, as crianças incorporam um grupo vulnerável extremamente suscetível a impactos emocionais em suas múltiplas dimensões, considerando que as abruptas modificações ocorridas em seu cotidiano articulam-se em dificuldades para a aquisição de novas habilidades e capacidades. As publicações (Almeida; Júnior, 2021; Rossetto *et al.*, 2021; Silva *et al.*, 2022) indicam a elevação dos níveis de estresse, sintomas depressivos, ansiedade, alterações no sono, mudanças comportamentais, medo, prejuízos nas relações interpessoais e emoções negativas nas crianças. Nesse âmbito, o aumento da vulnerabilidade infantil contribuiu para o crescimento de impactos biopsicossociais na vida das crianças durante a quarentena, que abrange tanto seus aspectos físicos, quanto mentais e psicológicos (Almeida; Júnior, 2021).

Ampliando as lentes para as ocorrências explicitadas durante a quarentena, pontua-se a intensificação dos prejuízos acometidos pelo isolamento social a longo prazo, com efeito nos acidentes domésticos, que as autoras Freitas, Bertolin e Medonça (2022) mencionam como um "dano colateral adicional nesta pandemia" (Freitas, Bertolin; Medonça, 2022, p. 4).

Em virtude do fechamento das instituições educativas, observa-se nos lares o aumento dos índices de acidentes domésticos em maior proporção nas faixas de menor idade, que abrangeram o aumento de intoxicações por álcool em gel e produtos de limpeza, ataques de animais, queimaduras, deslizamentos domésticos, quedas, lesões em móveis, obstrução de vias aéreas e eventos de trânsito, que do mesmo modo, provocam custos econômicos, sociais e emocionais, atrelados à sequelas e até a eventos fatais (Freitas; Bertolin; Medonça, 2022). Por fim, cabe mencionar os inconstantes quadros de violência vivenciados pelas crianças na pandemia, que também tiveram destaques nas publicações, em especial, observou-se o aumento da violência física, sexual e psicológica, o que novamente assinala o rompimento de seus direitos, bem como a proteção integral à infância.

Considerações finais

As publicações analisadas possibilitam a reflexão acerca do reconhecimento das crianças como atores sociais, capazes de proporcionar incontáveis aprendizados aos que se dispõem a escutá-las, sendo considerada gloriosa a maneira pelo qual enfrentaram cotidianamente as transformações, modificações e readaptações oriundas de um cenário pandêmico.

Sabe-se que as crianças enfrentaram inúmeros desafios, muitas vezes invisibilizados e ocultos, porém mesmo assim as pesquisas indicaram a resistência das crianças, que continuaram brincando em diversos contextos investigados. Diante disso, salienta-se a importância dos cuidados fundamentais com a saúde física e mental das crianças, principalmente em

uma conjuntura pandêmica. Ademais, vale destacar que os professores também encontraram obstáculos ao realizar a educação infantil de forma remota, devido às circunstâncias adversas causadas pela pandemia. Assim, percebe-se que tanto a qualidade da educação quanto o relacionamento com as crianças e famílias foram afetados, sem falar na quantidade excessiva de telas, que também tem sido prejudicial para as crianças.

As produções também indicaram que a oferta da educação remota para as crianças demandou esforços pedagógicos, reconhecendo as limitações da oferta diante das desigualdades sociais e da formação inadequada de professores, justificando a necessidade de investimentos e políticas voltadas para a educação da criança e da primeira infância.

Portanto, analisar as experiências de crianças e professores nesse período por meio de publicações científicas permitiu compreender as dificuldades do ensino remoto, os desafios desse período e perceber como os direitos das crianças foram violados, assim como conhecer os cenários em que se encontram crianças marginalizadas e/ou excluídas da sociedade. Ainda assim, percebe-se que para além da precariedade proporcionada pelo ensino remoto, o Estado também posiciona-se como omisso nas demais esferas em que as crianças estão localizadas, uma vez desprotegidas de políticas públicas que as assegurem em seus direitos básicos de proteção integral, como "o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária" (Brasil, 1988), que tampouco foram vistos como indispensáveis durante a pandemia.

Para mais, esta pesquisa objetivou refletir acerca de como o Estado protege a vida das crianças marginalizadas, assim como as consequências que a covid-19 trouxe para as crianças em meio às desigualdades sociais, territoriais, regionais, étnico-raciais e de gênero. Do mesmo modo, torna-se indispensável pontuar quais vivências infantis foram retratadas nos estudos e, por fim, como trazer visibilidade para esse grupo social, principalmente no âmbito das publicações analisadas. Considera-se que as crianças ainda carecem de uma participação ativa, imprescindível em nossa sociedade, uma vez reconhecidas como protagonistas em suas realidades singulares, capazes de viabilizar reflexões únicas acerca do contexto em que estão inseridas, para que, assim, possam ser ouvidas e consideradas em suas mais diversas perspectivas acerca de conjunturas que lhes dizem respeito.

Referências

ALMEIDA, I.; JÚNIOR, A. A. S. Os impactos biopsicossociais sofridos pela população infantil durante a pandemia do covid-19. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 2, p. 1-10, 2021. Disponível em: https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/12286. Acesso em: 11 abr. 2024.

ANTONIASSI, A. M. *et al*. Da sala de aula ao ambiente virtual: adaptação dos/as professores/as na educação infantil frente ao cenário da covid-19. *In:* Congresso Internacional de Educação e Tecnologias: Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância (CIET: EnPED). *Anais*, 2020.

BIASOLI, K. A.; SOUSA, C. P. Direitos da criança e a educação: notas iniciais para pensar a vida na pandemia. *Revista de Educação Pública*, v. 30, p. 1-25, 2021. Disponível em: https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/11683. Acesso em: 11 abr. 2024.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 11 abr. 2024.

CAMARGO, A. R. O. De como ser professora de Educação Infantil remotamente. *Crítica Educativa*, v. 6, n. 1, 2020. Disponível em: https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/475 Acesso em: 11 abr. 2024.

CARDOZO, S. B. A.; TREICHEL, J. H.; MARQUEZAN, F. F. Experiências formativas acerca do estágio curricular supervisionado na Educação Infantil em tempos de pandemia. *Disciplinarum Scientia*, v. 21, n. 2, p. 167-180, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumCH/article/view/3470. Acesso em: 11 abr. 2024.

CASTRO, J. A. Proteção social em tempos de covid-19. *Saúde em debate*, v. 44, p. 88-99, 2021. Disponível em: https://www.scielosp.org/article/sdeb/2020.v44nspe4/88-99/. Acesso em: 11 abr. 2024.

COSTA, A. P.; CARDOSO, Ca. Trabalho infantil e pandemia do covid-19: reflexões acerca do caso Brasil. *In:* BELMONTE, A. A. B.; MARTINEZ, L.; FREDIAN, Y. (org.). Congresso Internacional de Direito do Trabalho, 11., *Anais*, 2021. São Paulo: Lex, 2021. Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/232108/001133648.pdf?sequence=1. Acesso em: 11 abr. 2024.

COUTINHO, A. S.; COCÔ, V. Educação a Distância na Educação Infantil, Não! Educação e cuidado com as crianças, suas famílias e profissionais docentes, Sim! *In:* Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (Anped), 8., *Anais* 2020, Brasília.

DUARTE, M. P.; CAVALCANTI, C. M.; SOUSA, V. L. M. O trabalho infantil e a pandemia de covid-19: análise das repercussões da crise pandêmica nos contratos de aprendizagem. *Laborare*, v. 4, n. 7, p. 70-93, 2021. Disponível em: https://www.revistalaborare.org/index.php/laborare/article/view/97. Acesso em: 11 abr. 2024.

FREITAS, J. C.; MEDONÇA, A. C.; BERTOLIN, D. C. Acidentes domésticos na infância durante a pandemia de coronavírus. *Revista Corpus Hippocraticum*, v. 2, n. 1, 2021. Disponível em: https://revistas.unilago.edu.br/index.php/revista-medicina/article/view/601. Acesso em: 11 abr. 2024.

MACEDO, P. H. V. *et al*. Estágio Supervisionado em Tempos de Pandemia: Um relato de experiência na educação infantil. *In:* SILVA, G. B. (org.). *Educação:* Desafios, Perspectivas e Possibilidades. São Paulo: Científica Digital, 2020. Disponível em: https://downloads.editoracientifica.com.br/articles/201001847.pdf. Acesso em: 11 abr. 2024.

OLIVEIRA, B. A. C.; NETO, D. F.; VILAR, M. B. Relato de Experiência do Estágio de Educação Infantil e suas práticas no 3° período do curso de pedagogia. *Educação, Ciência e Inovação*, v. 5, n. 2, 2020. Disponível em: http://anais.unievangelica.edu.br/index.php/pedagogia/article/view/6527. Acesso em: 11 abr. 2024.

RODRIGUES, J. S.; PARREIRA, G. V. O estágio curricular e a educação infantil: uma experiência digital. Revista Educação. *Ciência e Inovação*, v. 5, n. 2, 2020. Disponível em: http://anais.unievangelica.edu.br/index.php/pedagogia/article/view/6534. Acesso em: 11 abr. 2024.

ROSA, C. P. S.; COSTA, L. L. N. O trabalho colaborativo entre professoras, famílias e crianças da Educação Infantil em tempo de pandemia: desafios e possibilidades. *In:* FRANCO, G.; SANCTIS, R. J. O.; FILHO, R. P. (org.). *Educação, ensino e docência*. São Paulo: Fox Tablet, 2020. Disponível em: https://www.foxtablet.com.br/wp-content/uploads/2021/01/Educacao_ensino_docencia.pdf. Acesso em: 11 abr. 2024.

ROSSETTO, M. *et. al*. Repercussões da covid-19 na saúde de mulheres e crianças na perspectiva da vulnerabilidade. *Revista Mineira de Enfermagem*, v. 25, n. 1, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/reme/article/view/44558. Acesso em: 11 abr. 2024.

SANTOS, A. B. B. S.; MORAES, M. G. E. Da educação infantil para o ensino fundamental: desafios da transição em tempos de pandemia. *Práticas em Educação Infantil*, v. 5, n. 6, 2020.

SANTOS, A.; MORAES, M. Da educação infantil para o ensino fundamental: desafios da transição em tempos de pandemia. *Práticas em Educação Infantil*, v. 5, n. 6, 2020. Disponível em: https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/praticasei/article/view/2923. Acesso em: 11 abr. 2024.

SILVA, J. *et al*. Implicações da covid-19 no cotidiano das famílias nordestinas e no cuidado infantil. *Saúde e Sociedade*, v. 31, n. 1, p. 1-11, 2021. Disponível em: https://www.scielosp.org/article/sausoc/2022.v31n1/e210287/. Acesso em: 11 abr. 2024.

SILVA, T. O.; GOULART, C. D.; SILVA, V. C. Os letramentos na Educação Infantil em tempos de pandemia: uma reflexão sobre a prática docente. *In:* Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão (Siepe), 12., *Resumos*, 2020, Rio Grande do Sul. Disponível em: https://ei.unipampa.edu.br/uploads/evt/arq_trabalhos/21688/etp1_resumo_expandido_21688.pdf. Acesso em: 11 abr. 2024.

SOARES, A.; FREITAS, A. C.; GUIMARÃES, Y. Estamos formadas, e agora? Vivências e Ressignificações das práticas pedagógicas na Educação Infantil em Tempos de Pandemia e Isolamento Social. *Práticas em Educação Infantil*, v. 5, n. 6, p. 81-94 2020. Disponível em: https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/praticasei/article/view/2937. Acesso em: 11 abr. 2024.

Sobre as organizadoras

Etienne Baldez



Professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE/UnB), atuando como docente no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) e no Programa de Pós-graduação em Educação Modalidade Profissional (PPGEMP). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre os Estudos Sociais da Infância (Gepesi). Integra o Grupo de Pesquisa em História e Historiografia da Educação da Universidade de Brasília (Gruphe). Realiza estudos de história da infância e história da educação infantil no Brasil. E-mail: etienne.baldez@unb.br

Monique Aparecida Voltarelli



Professora adjunta da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação Modalidade Profissional (PPGEMP) da Universidade de Brasília (FE/UnB). Membro do Grupo de Sociología de la Infancia y la Adolescencia (GSIA) e coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre os Estudos Sociais da Infância (Gepesi) da Universidade de Brasília. Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Pós-doutorado sobre a participação infantil na América Latina pela Universidade de São Paulo (FEUSP) e em direitos das crianças pela Universidade de Ciências Aplicadas de Potsdam, Alemanha. Realiza estudos no campo dos estudos sociais da infância, pesquisando temas como participação infantil, direitos das crianças, educação infantil e infância na América Latina. Email: mvoltarelli@unb.br

Sobre os autores

Ademilson de Sousa Soares

Professor associado da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) na graduação e pós-graduação. Graduado em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), com doutorado em educação pela UFMG e pós-doutorado em pesquisas sobre políticas para a educação infantil na PUC Minas. E-mail: pacosoares@ufmg.br.

Aline Buy dos Santos

Mestre em educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ) e professora do Centro de Referência em Educação Infantil Realengo do Colégio Pedro II (Creir/CPII). E-mail: alinebuy2@gmail.com.

Ana Paula Batista Pina dos Santos

Mestre em educação na linha de pesquisa Escola, Aprendizagem, Ação Pedagógica e Subjetividade na Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE/UnB). Graduada em pedagogia pela UnB e em administração pela Universidade Paulista (Unip). Especializada em psicopedagogia pela Universidade Católica de Brasília (UCB) e em orientação educacional e vocacional pela Faculdade do Distrito Federal (FACDF). É membro do Grupo de Pesquisa Sujeitos, Territórios e a Construção do Conhecimento. Atua como coordenadora pedagógica da educação infantil do Colégio Marista João Paulo II, no Distrito Federal. E-mail: anapaulabatistapina@gmail.com.

Andrea Braga Moruzzi

Docente de graduação em pedagogia e de pós-graduação em educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Líder do grupo de pesquisa Infâncias e Feminismos (Infemis). Pesquisa sobre infância, sociologia da infância, gênero e feminismos. E-mail: marcia.argenti@unesp.br.

Catarina Moro

Professora associada do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil (Nepie). Atua como editora chefe da Educar em Revista (UFPR). É bacharel e licenciada em psicologia, especialista em educação infantil, mestre em psicologia da infância e da adolescência e doutora em educação pela UFPR. Atua principalmente nos seguintes temas: práticas educativas para/com a pequena infância, avaliação de contexto e políticas públicas em educação infantil. E-mail: moro.catarina@gmail.com.

Cristiano Rogério Alcântara

Graduado em pedagogia em gestão escolar pelo Centro Universitário de Santo André (2004) e em letras – português e literaturas de língua portuguesa pela Universidade de Franca (2014). Mestre em ciência da informação e documentação pela Universidade de São Paulo (2009). Doutor em língua portuguesa (2015) e pós-doutor em psicologia da educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2022). E-mail: cralcantara@uol.com.br.

Danielle Atta

Mestre em educação pela Universidade de Brasília. Graduada em história e pedagogia e pós-graduada em políticas públicas, infância, juventude e diversidade e em educação infantil. Pedagoga e orientadora educacional na Secretaria de Educação do Distrito Federal. E-mail: danielleatta2@gmail.com.

Débora de Souza Santos

Professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Mestre em educação na modalidade profissional pela Universidade de Brasília. Especialista em educação infantil na perspectiva histórico-cultural e graduada em pedagogia. E-mail: deborag7@hotmail.com.

Flávio Santiago

Pesquisador em nível de pós-doutorado na Universidade Federal de Juiz de Fora. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa Sociologia da Infância e Educação Infantil (Gepsi/USP) e no Grupo de Pesquisas e Estudos em Geografia da Infância (Grupegi). E-mail: santiagoflavio2206@gmail.com.

Gabriela Barreto da Silva Scramingnon

Professora adjunta do departamento de didática da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Doutora em educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC Rio, 2017). Mestre em educação pela Unirio (2011). Integrante do grupo de pesquisa Educação Infantil e Políticas Públicas (Eipp/Unirio). Integrante do grupo de pesquisa Infância, Formação e Cultura (Infoc/PUC Rio). E-mail: gabriela.scramingnon@unirio.br.

Gabriela Lotta

Professora e pesquisadora de administração pública e governo da Fundação Getulio Vargas (FGV). Doutora em ciência política pela Universidade de São Paulo (USP), mestra e graduada em administração pública pela FGV. Coordenadora do Núcleo de Estudos da Burocracia (NEB). Docente da Escola Nacional de Administração Pública (Enap). Pesquisadora do Centro de Estudos da Metrópole (CEM). Coordenadora da área temática Estado e Políticas Públicas da Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP) e diretora da pesquisa da Associação Nacional de Ensino e Pesquisa do Campo de Públicas (Anep/CP). Email: gabriela.lotta@fgv.br.

Giane Lucelia Grotti

Doutora em educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Especialista em metodologia do ensino pré-escolar e fundamental pela Universidade Federal do Acre (Ufac). Pedagoga formada pelo Centro de Estudos Superiores de Londrina (Cesulon), atualmente Centro Universitário Filadélfia (Unifi). Coordenadora do curso de pós-graduação lato sensu em educação infantil e professora do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Acre. Atua na área de políticas e currículo para infância, educação infantil e história do atendimento à infância. E-mail: giane.grotti@ufac.br.

Ingrid Dittrich Wiggers

Doutora em educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora titular da Universidade de Brasília. Atua no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília. Líder do Imagem – Grupo de Pesquisa sobre Corpo e Educação. E-mail: ingridwiggers@gmail.com.

Lara Batomarco Nobre

Graduada em pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE/UnB, 2023). Atualmente, é estudante de pós-graduação em psicopedagogia e neuroeducação, e

se especializa em psicanálise infantil na Associação Brasileira de Medicina Psicossomática (ABMP-DF). É membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Sobre os Estudos Sociais da Infância (Gepesi). Atua como auxiliar do desenvolvimento infantil no Ministério da Saúde. E-mail: nobrelara@hotmail.com.

Laura Brisolara de Albuquerque

Pedagoga pela Universidade de Brasília (UnB), pós-graduanda em alfabetização e letramento pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Sua pesquisa no Pibic-UnB foi sobre os impactos da pandemia da covid-19 na educação infantil. E-mail: laurabrisolara@gmail.com.

Lígia Almeida Teixeira

Graduada em pedagogia pela Universidade de Brasília (UnB). Professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Mestranda em educação na modalidade profissional (PPGE/UnB). E-mail: ligiateixeira11@gmail.com.

Lisandra Ogg Gomes

Professora associada da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação (Proped) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Procientista na Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) e na Uerj. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Território dos Estudos da Infância. E-mail: lisandraogg@yahoo.com.br.

Lucas Ramos Martins

Doutor e mestre em educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social (PPGE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Graduado em pedagogia pela mesma instituição. Integra o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil (Nepei/UFMG). Atua como professor no Departamento de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (Uemg). E-mail: lucas.martins@uemg.br.

Marcia Cristina Argenti

Livre docente em estudos da infância na Universidade Estadual Paulista (Unesp), doutora e mestra em psicologia pela Universidade de São Paulo (USP) e pedagoga na Unesp. Pesquisadora e docente do Departamento de Psicologia da Educação da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância,

Família e Escolarização (Gepife). Docente no Programa de Pós-graduação em Educação Escolar (acadêmico) e no Programa de Pós-graduação em Educação Sexual (profissional) da Unesp. Desenvolve atividades nas áreas temáticas da infância, família e escolarização. E-mail: marcia.argenti@unesp.br.

Maria Alice Barbosa dos Santos

Graduanda em pedagogia na Universidade Federal Fluminense (UFF). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Infância, Bebês e Crianças (Gerar). Bolsista do Programa de Iniciação Científica da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Pibic/Faperj). E-mail: mariaalicebarbosadossantos@id.uff.br.

Maria Fernanda Rezende Nunes

Professora titular-livre em educação infantil do Departamento de Didática e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Tem experiência na área de educação, com ênfase em educação infantil, atuando principalmente nos seguintes temas: política pública, formação, alfabetização e currículo. Participante do programa Cientista do Nosso Estado (CNE) da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj, 2021). Coordena o grupo de pesquisa Educação Infantil e políticas públicas (Eipp). E-mail: maria.f.nunes@unirio.br.

Maria Lídia Bueno Fernandes

Geógrafa. Docente do curso de pedagogia e professora e pesquisadora no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília (UnB). Líder do Grupo de Pesquisa Sujeitos, Territórios e a Construção do Conhecimento (GPS). Integrante da Rede latino-americana de pesquisa e reflexão com crianças e jovens (Reir). Trabalha com temas relacionados à geografia da infância e da juventude. E-mail: lidia_f@uol.com.br.

Marina Pereira de Castro e Souza

Professora adjunta do Departamento de Formação de Professores, na área de educação infantil, na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atualmente é vice coordenadora do grupo de pesquisa Educação Infantil e Políticas Públicas (Eipp), na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Pesquisa os seguintes temas: educação inclusiva, medicalização e estudos da deficiência. Integrante da Rede Nacional de Pesquisas em Saúde Mental de Crianças e Adolescentes (Rede Pq-SMCA). E-mail: mpcastros@yahoo.com.br.

Mayra Silva dos Santos

Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Pós-graduanda em educação especial com ênfase em educação inclusiva pelo Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG). Integrante e pesquisadora dos grupos de pesquisa Infâncias e Feminismos (Infemis) e Educação e Relações Étnico-Raciais, da UFSCar. Suas pesquisas estão relacionadas à formação e trabalho docente, raça e gênero. E-mail: mayra.silva9152@gmail.com.

Nazareth Salutto

Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Coordenadora do Programa de Extensão Educação Infantil: infância, formação e sociedade. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Infância, Bebês e Crianças (Gerar). E-mail: nazarethssalutto@gmail.com.

Rafaelli Norberto Grégio

Graduada em pedagogia e mestre em educação pela Universidade Federal do Acre (Ufac). Já atuou como professora substituta da Ufac. Professora da educação infantil há 15 anos. E-mail: rafaelligregioac@gmail.com.

Rhaisa Naiade Pael Farias

Doutora em educação pela Universidade de Brasília (UnB). Participou do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) na Queensland University of Technology. Tem pós-graduação lato sensu em docência na educação infantil e graduação em pedagogia com habilitação em educação infantil pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Atualmente é docente no curso de pedagogia na modalidade a distância do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) e professora substituta na UnB. E-mail: rhaisapael@yahoo.com.br.

Taís Aparecida de Moura

Docente efetiva do Departamento de Educação (Deduc) da Universidade do Estado de Minas Gerais (Uemg). Coordenadora do Grupo de Investigação de Infâncias e Linguagens (Giil/Uemg) e pesquisadora em nível de pós-doutorado em artes na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), cuja pesquisa versa a respeito das visualidades e processos estéticos das salas de aula de alfabetização. E-mail:tais.moura@uemg.br.

Vanessa Medianeira da Silva Flôres

Pedagoga. Especialista em gestão educacional e docência na educação infantil. Mestra em educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutoranda em educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Integrante e pesquisadora dos grupos de pesquisa Infâncias e Feminismo (Infemis), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), e Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infâncias e Educação Infantil, da UFPR. Suas pesquisas estão relacionadas a gênero e infâncias, educação infantil, práticas pedagógicas e relações étnico-raciais. Professora da Rede Municipal de Educação de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. E-mail: vanessaf.educ@gmail.com.

Viviane Fernandes Faria Pinto

Doutora em educação, mestre em processos de desenvolvimento humano e saúde, especialista em desenvolvimento psicológico e inclusão escolar e graduada em pedagogia pela Universidade de Brasília (UnB). Foi assessora pedagógica em projetos de formação inicial de professores do Ministério da Educação (MEC), orientadora educacional da Secretaria de Educação do Distrito Federal e pesquisadora do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Atualmente é professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. E-mail: viviane.educ@gmail.com.

A Editora UnB é filiada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

EDUCAÇÃO INFANTIL EM DIÁLOGO

Pesquisas e olhares a partir dos estudos sociais da infância

Educação Infantil em diálogo: pesquisas e olhares a partir dos estudos sociais da infância é uma coletânea composta por textos de pesquisadoras e pesquisadores de diversas regiões do Brasil, que têm constituído o campo de estudos da infância, articulando uma teia científica preocupada com as crianças e a infância contemporânea. Parte dessa teia tem sido tecida no âmbito das pesquisas realizadas pelo Grupo de Estudos e Pesquisa sobre os Estudos Sociais da Infância (GEPESI/UnB), da Universidade de Brasília, e dos diálogos que o grupo têm travado com diferentes áreas do conhecimento humano e seus pesquisadores, tendo como eixo central também as crianças (sujeitos históricos, atores sociais, produtoras e participantes ativos na cultura) e a pluralidade da infância. Assim, o livro busca reunir contribuições teóricas e metodológicas que permitam pesquisadores, estudiosos e profissionais que atuam com a infância, em especial na educação delas, de forma a ampliar olhares, saberes e instigar novos "quereres" por assim dizer no trabalho com as crianças pequenas. Almejamos proporcionar ao leitor reflexões e provocações, por meio de um pensamento dialético e complexo, que questionem nossas práticas, que revejam nossas posturas, que nos inspirem na realização de nossas pesquisas e principalmente que nos permita abrir possibilidades para conhecer e nos relacionarmos de forma mais respeitosa e potente com as crianças.

EDITORA UnB

Pesquisa, Inovação & Ousadia